Material Digital do Professor

Mestres da Paixão

Aprendendo com quem ama o que faz

Domingos Pellegrini

Elaboração e Organização Pedagógica
Maria José Nóbrega
e Samir Thomaz

SALAMANDRA

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **7**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **44**

© Freepik

CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **Mestres da paixão: aprendendo com quem ama o que faz**. *A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?[1]

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente… Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo…

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

> *Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".*[2]

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

---

[1] *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.
[2] *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

© VANIA SLOMP

DOMINGOS PELLEGRINI,

O AUTOR DE *MESTRES DA PAIXÃO: APRENDENDO COM QUEM AMA O QUE FAZ*

Domingos Pellegrini nasceu em 1949 em Londrina, Paraná, onde reside. Estudou Letras, exerceu o jornalismo e até hoje escreve para o jornal local. Mas sua paixão é a literatura, tendo produzido vasta obra que inclui contos, poesias e romances para o público adulto e infantojuvenil. Com seu primeiro livro de contos, *O Homem Vermelho*, ganhou o Jabuti de 1977, prêmio que voltou a receber em 2001 com o romance *O caso da Chacará Chão*.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Memórias
Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Filosofia, História, Sociologia, Arte.
Competências Gerais da BNCC: 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 9. Empatia e cooperação.
Temas: Projetos de vida; Inquietações das Juventudes; O jovem no mundo do trabalho; A vulnerabilidade dos jovens; Protagonismo juvenil; Cidadania.

SOBRE A OBRA

Na obra *Mestres da paixão: aprendendo com quem ama o que faz*, o autor faz um relato autobiográfico de sua vida escolar até a profissionalização como escritor. Critica a escola tradicional, descompromissada com a vida, mas realça o trabalho daqueles mestres que se envolveram de modo apaixonado no exercício do magistério e que o ajudaram a compreender o mundo e a si mesmo. Afinal, comenta, de que vale decorar palavras ocas se soam falsas diante da realidade? Ainda menino, fisgado pela leitura, reconhecia o valor das palavras. Por exemplo, a primeira professora, que soube usar a palavra que elogia, estimulou sua autoestima. Outro professor o marcou pela palavra do desafio, espicaçando seu orgulho, e ainda houve aquela que o aconselhou a cultivar seu dom, até então indefinido, como provável declamador, ator ou escritor. Sem contar o bibliotecário que o ajudava a garimpar obras para serem lidas com entusiasmo.

O encontro com essas e tantas outras pessoas, em circunstâncias favoráveis ou adversas, reforçou seu compromisso com as palavras, as mesmas que o levariam às notícias, e daí ao jornalismo, além da literatura, que ele abraçou não só como leitor, mas também como criador. Sua experiência de vida – muitas vezes tumultuada – o convenceu de que a inteligência é insuficiente se não vier acompanhada de sensibilidade, emoção e desejo. De modo que, por amor às palavras, recusou-se a optar "pelas conveniências, pelas vantagens, por carreira ou salários melhores" e escolheu "o caminho do coração".

© Domingos Pellegrini

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: “Decifra-me!”. Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

PRÉ-LEITURA

As atividades de pré-leitura mobilizam a análise global do texto (a partir do título, da capa, dos elementos paratextuais, das ilustrações – se presentes), estimulando predições bem como a mobilização dos conhecimentos prévios necessários ao entendimento da obra.

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, analisar a página de rosto, consultar o sumário, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).

2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *Mestres da paixão*, de Domingos Pellegrini, um livro de memórias. Pergunte se já leram algum livro desse autor, se o conhecem e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro. Indague se já leram algum livro de memórias. Questione: O que se conta em um livro desse gênero? Qual é o valor literário de um livro de lembranças? Será que o autor conta tudo como realmente aconteceu?

3. Analise com os estudantes a capa do livro. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Conseguem atribuir algum sentido? Como essa imagem se articula com o título? O que ela sugere sobre a narrativa que irão ler? Que elementos você consegue identificar? Que pistas o título *Mestres da paixão: aprendendo com quem ama o que faz* fornece sobre a obra? A que mestres o autor estaria se referindo? E por que paixão? Qual ideia está sendo sugerida pela combinação do título com o subtítulo?

   O título do livro pode provocar de início certo estranhamento, já que, na visão tradicional de escola, o mestre é aquele que estimula a inteligência (e não a paixão) dos seus discípulos. Pergunte-lhes, então, o que esse título sugere, cujo enfoque é a paixão. Discuta com eles os vários sentidos da palavra *paixão*, que pode se referir à paixão amorosa, mas também a qualquer sentimento forte, seja ódio, desprezo, ciúme. Com base nesse primeiro contato com a obra, organize com os alunos uma lista das impressões e das sensações que foram suscitadas pelos elementos da capa.

4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro. Peça que observem para quem o autor dedica a história. Que sentimentos o autor revela? Por fim, pergunte: Por que a maioria dos escritores, ao escrever um livro, o dedica a alguém?

5. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos nomes dos capítulos, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se algum título lhes chamou a atenção e por quê.

6. Explique aos alunos que o texto que aparece na parte detrás do livro é chamado de texto de quarta capa. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do conteúdo da obra.

AS **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

LEITURA

1. Estimule os estudantes a verificar se algumas das possibilidades levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas na leitura. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando das memórias do autor, se a obra lhes agrada, se a leitura é fácil ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a intuir como o autor constrói dinâmicas intertextuais. Elas fazem referência a aspectos socioculturais, históricos, linguísticos, sociológicos, filosóficos e científicos sobre a época em que se passam as lembranças relatadas. Quando os alunos já tiverem passado mais ou menos da metade da leitura, pergunte: Em que momento da leitura o título do livro, *Mestres da paixão*, começou a fazer sentido para você? Depois disso, a leitura ficou mais interessante? Por quê?

2. Leve os alunos a perceber como, logo no início da obra, o autor já fornece algumas pistas sobre quais temas conduzirão suas lembranças:

   "[...] E fui vendo que todos os professores vivos na memória eram apaixonados: ou pela educação, ou pelos alunos, ou pela matéria que ensinavam, ou pelas três coisas juntas.

   Resolvi então escrever este livro, com a cabeça e com o coração." (p. 14-15)

   Pergunte: Esse trecho aguçou a sua curiosidade? Por quê? Que expectativas ele criou em você?

3. Solicite aos alunos que anotem as palavras e as expressões que eles não conhecem, pesquisando no dicionário ou deduzindo o significado pelo próprio contexto em que aparecem. Peça que registrem os nomes de poetas, contistas e romancistas que o autor menciona como aqueles que fizeram parte de sua formação, por exemplo, T. S. Eliot, Walt Whitman, Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Edgar Allan Poe, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Você pode solicitar que, em duplas, façam uma rápida pesquisa sobre quem foram esses escritores e pedir que digam de que maneira teriam influenciado o adolescente Domingos Pellegrini.

   Outra possibilidade é solicitar a eles que, à medida que leem, anotem os nomes daqueles que o autor elege como os seus "mestres da paixão".

No final, os alunos terão uma lista e poderão escolher aqueles que mais admiraram. A revelação do mestre escolhido deve ser feita no final da leitura, com a turma reunida, para que todos revelem o seu "mestre" e justifiquem a escolha.

Ou, ainda, você pode pedir aos estudantes que anotem os aprendizados de que o autor vai se lembrando, assim como os responsáveis pelos ensinamentos, para, no final, dizerem qual foi o aprendizado que fez mais sentido para eles e por quê.

4. Peça aos alunos que digam, ao ler as primeiras páginas do livro, se eles têm lembranças semelhantes às dos primeiros anos da escola do autor. Por exemplo, o nome e o rosto da primeira professora; o aspecto das salas de aula; se recordam de algum cheiro, algum timbre de voz, algum sentimento ou sensação. Indague: Em que aspectos suas recordações são semelhantes às do autor? Em que aspectos são diferentes?
Comente com eles que os primeiros anos da escola são um tempo que costuma marcar as pessoas para o resto da vida, é uma fase de sentimentos intensos, de muita diversão, fantasia e imaginação. Mas que, por vezes, também envolve sofrimento e angústia. Pergunte-lhes, por fim: Que marcas os primeiros anos escolares deixaram em você?

5. Comente com os estudantes que há professores que conquistam a nossa admiração pelo bom humor, pelo conhecimento, pelo raciocínio rápido, por tornar a aula agradável, por nos fazer gostar de uma matéria da qual não gostávamos e que até odiávamos. Questione os alunos: O que faz você admirar um professor? Por quê? Amplie o questionamento indagando: Vocês já passaram a gostar de uma matéria escolar apenas por causa do professor ou professora? Foi um gosto passageiro ou que veio para ficar?

6. Há quem afirme que superamos nossos limites quando somos elogiados ou quando alguém que admiramos confia em nosso potencial e espera grandes coisas de nós. Questione os alunos: Vocês acreditam nisso? Já se superaram em alguma atividade para agradar ou para corresponder à confiança de alguém que admiram?

7. Chame a atenção dos alunos para o fato de o escritor ter descoberto muito cedo sua vocação para escritor e como, já na adolescência, fazia as coisas que um escritor normalmente faz. Muitos chamam a vocação de dom. Indague aos alunos: Você possui algum dom? De onde ele vem? Por que esse dom o teria escolhido? Ou a escolha foi sua? Você acredita que ele nasceu com você? Mas... o dom basta? O que é preciso fazer quando se percebe que tem um dom? Como aprimorá-lo? Como cultivá-lo?

PÓS-LEITURA

As **atividades de pós-leitura** promovem a reflexão sobre o conteúdo temático ou expressivo da obra a partir de outras referências que permitem identificar diferentes perspectivas possíveis para o tema, estimulando uma resposta crítica que pode envolver vários níveis de complexidade ou gerar novas perguntas, que enriquecem e transformam a experiência leitora.

1. Em uma roda de conversa, discuta com os alunos a respeito da experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar, perguntando: O que sobressai na trajetória de Domingos Pellegrini? Alguém se identificou com os posicionamentos do autor na juventude? E com sua postura na idade madura? Instigue-os a justificar por que se identificaram com determinada fase da vida do autor, levando-os a analisar seus diferentes aspectos, como os éticos, os sociais, os políticos, entre outros. Quem pode dizer, em poucas palavras, qual é, na verdade, o tema principal do livro? Quais são os temas secundários? Quais são as conclusões que podemos tirar do final da história?

2. Domingos Pellegrini revela ter morado em alguns lugares diferentes quando criança. Questione os alunos, de acordo com as experiências de moradia deles: Quais são as vantagens e as desvantagens de morar em vários lugares? E quais são os pontos positivos e negativos de morar em apenas um lugar?

3. Na página 14, o autor opõe "*performance* mental" e "personalidade". Peça aos alunos que releiam essa página e tentem descobrir que sentido o autor quis dar a essa oposição.

4. Solicite aos alunos que criem um jogral para declamar "Vozes d´África" e "Navio *negreiro*", de Castro Alves, os mesmos poemas que o aluno Domingos Pellegrini, para espanto de sua professora, declamava em sala de aula. Oriente-os a se informar sobre o que é um jogral e como fazer para que o jogral deles fique bacana. Dê a eles a opção de declamarem em duplas. Ou será que alguém declamaria sozinho, como fez o autor?

   Você pode também pedir que escolham individualmente um poema de que gostam para declamar para os colegas. De preferência, não tão extenso como "Vozes d´África" e "Navio negreiro", a fim de que haja tempo para todos os alunos declamarem seu poema.

5. Peça aos alunos que atentem para este trecho, em que o autor fala ao telefone, anonimamente, muitos anos depois, com o professor Joaquim:

   "[...] Perguntou qual era a dúvida, falei que não era uma dúvida, era uma certeza, ele perguntou que certeza, falei que a certeza é que há os apaixonados de impulso e rompantes, febres e entregas, e há os apaixonados constantes, aqueles que levam adiante o amor pelo que fazem, sem grandes gestos, sem discursos, só fazendo o que é preciso fazer, sempre, para quem quiser usufruir." (p. 91-92)

   Pergunte aos alunos: Com qual dos dois perfis de apaixonados vocês se identificam? Por quê?

6. Chame a atenção dos alunos para este trecho:

"As aulas particulares eram na casa do professor, que era perto do cinema, o dever vizinho do prazer." (p. 51)

Questione os alunos: Como vocês dividem o prazer e o dever em seu dia a dia? Você consegue fazer um estimular o outro? Ou não têm controle sobre eles? Peça que justifiquem suas respostas.

7. Comente com os alunos que o autor tomou várias decisões importantes em sua vida, seguindo sempre o que diz o coração. Pergunte a eles se já tomaram decisões importantes obedecendo ao coração, ou seja, guiando-se pelo emocional, em vez de pelo racional. Acham que foi a decisão mais acertada? Ouvir o coração é um bom critério? E a razão, onde fica nessa história?

8. Pergunte aos alunos, informalmente, com base na teoria geométrica de Domingos Pellegrini, se a vida deles é feita mais de retas ou de curvas. Peça que deem exemplos do que isso significa na prática. Por exemplo: A educação que recebem é reta ou circular?

9. Indague dos alunos: Que críticas Domingos Pellegrini faz à educação tradicional? Que argumentos ele usa para embasar suas ideias? E você, como se posiciona em relação a esse assunto? Peça aos estudantes que apresentem as suas justificativas também.

10. Abra uma roda de conversa com a turma para debater o episódio da pichação do instituto Filadélfia pelo autor e seus amigos. Antes, relembre a eles este trecho:

"Logo me enfiei no diretório acadêmico, ponto de encontro dos politizados e também logo resolvi pichar o pátio. Na noite de pichação, entusiasmados, Carlos e eu fomos pichando também as paredes dos corredores, e estávamos concentrados nisso quando ouvimos alguém perguntar ei, que é isso?" (p. 160)

Questione: O que pensam a respeito desse ato? Quais são os direitos em jogo? A liberdade de protestar tem limites? E a liberdade de expressão, onde fica nesse caso? Que paralelos esse caso estabelece com acontecimentos recentes em nosso país?

Peça aos alunos que opinem e digam que crítica velada, em forma de ironia, há na passagem. Leve-os a perceber como Domingos Pellegrini usa de muita ironia para criticar os métodos considerados revolucionários dos estudantes de seu tempo, buscando mostrar as contradições entre o ideal e o real, o imaginário revolucionário e o cotidiano concreto das pessoas. Peça que observem como, no final do livro, as lembranças do autor enfatizam seu amadurecimento. Indague aos alunos: Que mensagem vocês acham que o Pellegrini quis passar com suas lembranças? Depois, peça que se posicionem criticamente: Vocês concordam com ela? Por quê?

11. Solicite a um aluno ou uma aluna que leia para os colegas as linhas finais do capítulo “Caminhada noturna”. Peça que atentem para a densidade reflexiva dessa passagem do livro. Chame a atenção para as mudanças que se operam na visão de mundo do autor. Quais são elas? O que está acontecendo na mente do autor naquele momento? Por que essas reflexões tomaram a sua mente? – não esquecendo que elas foram escritas muito tempo depois de os fatos terem acontecido. E vocês, já foram assaltados por pensamentos parecidos com os que o autor experimentou naquele momento, em que uma forma de entender o mundo deixa de fazer sentido e é substituída por outra? A respeito de qual contexto: familiar, político, escolar, profissional, das amizades, das relações amorosas...? Que nome vocês dariam a esse momento reflexivo? O que o motivaria? Estaria restrito apenas ao plano abstrato, do pensamento, ou seria fruto de experiências concretas? Temos algum controle sobre isso?

12. Pergunte aos estudantes se há uma biblioteca pública em sua cidade ou seu bairro e se eles a frequentam ou já a frequentaram. Indague: Como foi a experiência? Sentiram-se à vontade? Que livros consultaram ou tomaram de empréstimo? Aproveite para ressaltar a necessidade de devolver os livros emprestados, para que outros leitores possam usufruir das obras. Por fim, pergunte: E na sua escola, existe uma biblioteca? É um lugar agradável? Por quê? O que você achou do acervo? Há alguém para cuidar desse espaço? O que poderia ser feito para melhorá-lo?

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

2

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram[3].

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da "verdade de mentira" que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem

[3] BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <http://mod.lk/enem>.

na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a "verdade de mentira" escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa "verdade de mentira", ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido "what if?" dos escritores – em português, o "e se?". E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os contamina dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: "E se a minha vida fosse diferente do que é?".

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

> Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este "nunca conseguir" é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das "verdades de mentira" com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

PRÉ-LEITURA

As atividades de pré-leitura mobilizam a análise global do texto (a partir do título, da capa, dos elementos paratextuais, das ilustrações – se presentes), estimulando predições bem como a mobilização dos conhecimentos prévios necessários ao entendimento da obra.

Língua Portuguesa Faça um levantamento com seus alunos para saber se eles se lembram de algum professor ou professora que, de uma maneira ou de outra, os tenha impressionado ou com quem tenham aprendido alguma coisa significativa, que trazem até hoje como algo que ficou na memória. Questione-os: Que influência essa lembrança exerceu em você?

As **ATIVIDADES DE LEITURA** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

LEITURA

Língua Portuguesa Peça aos alunos que observem a habilidade do autor para criar um diálogo por meio do discurso indireto livre, e ainda com um toque de humor:

"– Domingos, se está achando alguma coisa engraçada, nos diga o que é, em Francês, claro. Ah, nada? Então nos diga o que estávamos falando. Ah, não sabe? Um ponto a menos na prova oral." (p. 42)

"[...] A guia que me acompanhava se espantou, eu falava Francês?" (p. 43)

"[...] Numa escrivaninha ficava o bibliotecário, a quem perguntei onde estavam os livros de poesia, ele perguntou que livro eu procurava, falei qualquer um, ele apontou o fichário, eu escolhesse então." (p. 44-45)

Após revisitarem os trechos, questione os alunos: O que caracteriza o discurso indireto livre? Sugira que os estudantes façam uma pesquisa para relembrar esse conceito. Amplie a reflexão trazendo a informação de que o discurso indireto livre – que possibilita, em alguns casos, o fluxo de pensamento, uma das marcas da narrativa moderna – é um expediente literário muito útil para o narrador, pois permite que ele tenha opções de estratégias, deixando a narrativa mais ágil ou mais lenta, por exemplo, de acordo com suas intenções, ou revelando fatos cruciais para que o leitor entenda as motivações ocultas das ações de um personagem, sem que ele precise verbalizá-las.

PÓS-LEITURA

As **atividades de pós-leitura** promovem a reflexão sobre o conteúdo temático ou expressivo da obra a partir de outras referências que permitem identificar diferentes perspectivas possíveis para o tema, estimulando uma resposta crítica que pode envolver vários níveis de complexidade ou gerar novas perguntas, que enriquecem e transformam a experiência leitora.

1. Língua Portuguesa Há grande ironia quando o autor descreve a forma de ação que ele e seus amigos subversivos consideram revolucionária. Essa ironia se dá principalmente entre aspas, mas também na própria forma como as frases são construídas. Questione os alunos: Em que consistia essa ironia? O que o autor quis evidenciar ou sugestionar com ela? Que postura o autor revela ter hoje ao descrever sua ação e a de seus amigos, levando-se em conta o modo como ele a expõe?

2. Língua Portuguesa Entre muitas de suas funções, a palavra é usada como instrumento de persuasão, sobretudo na relação entre pais e filhos, professores e alunos. No entanto, ela exige cuidado, porque o objetivo do processo educativo é criar seres autônomos e críticos, evitando os apelos da doutrinação, da intimidação e da ameaça. Podemos ainda dizer que, do ponto de vista do aluno, a palavra abre o caminho para o autoconhecimento, para a construção da identidade, movimento pelo qual saímos do egocentrismo, estimulados pelo diálogo. Nesse sentido, proponha aos alunos as seguintes reflexões:
   a) A professora primária da qual o autor não se lembra o nome, mas que escolheu chamar de Benvinda, tocou-o pela palavra que elogia: o que representa, do ponto de vista afetivo, receber um elogio? Por que um elogio é melhor do que uma recriminação? O que o distingue da bajulação?
   b) Diferentemente, o professor de Matemática ameaçou reprová-lo, caso não estudasse: Que tipo de palavra mobilizou positivamente o menino Domingos?
   c) Na aula de Trabalhos Manuais, Domingos esmurrou o Turco após uma provocação do colega. O professor Mandrake reagiu imediatamente, criticando a ambos por terem perdido o respeito mútuo. Recorrendo à palavra que educa, o professor lhes ensinou a relacionar razão e emoção. Peça aos alunos que expliquem o que o autor quis dizer com esta frase: "Com o mestre Mandrake aprendi que o barro toma a forma que você quiser, e o coração também". (p. 41)

3. Língua Portuguesa Pergunte aos estudantes se eles acham que um escritor escreve suas memórias sendo rigorosamente fiel aos fatos, contando as coisas como realmente aconteceram; ou se o filtro da memória, com eventuais interesses do autor em contar certas coisas e omitir outras, ou a própria falha da memória, interferem naquilo que ele conta. Abordando o mesmo assunto de outro ângulo, questione os alunos: Será que, quando falamos de algo de que gostamos muito, nossa descrição

ou avaliação pode não condizer com a realidade, mas ser exagerada ou suspeita?

4. Língua Portuguesa Ao relatar o conto *Dez índios*, de Hemingway, o autor dá destaque ao fato de que qualquer texto narrativo – e sobretudo o literário – diz muito mais do que aquilo que está escrito. Peça aos alunos que reflitam sobre a seguinte questão: em que sentido o que lemos é apenas a ponta de um *iceberg*? Em seguida, reunidos em grupo, peça aos alunos que discutam os aspectos que não foram explicitados, mas que estão subentendidos no livro *Mestres da paixão*.

5. História A certa altura do livro, o autor passa a usar um vocabulário próprio dos tempos da Guerra Fria, época da guerrilha no Brasil e do ideário socialista na imaginação revolucionária dos movimentos de esquerda. Peça aos alunos que anotem esses nomes e expressões. Comente que tudo isso perde força com o colapso da União Soviética e a queda do Muro de Berlim, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, inaugurando aquilo que na geopolítica passou a ser chamado de Nova Ordem Mundial. Comente, também, que mesmo essa nova ordem em pouco tempo perdeu o sentido, ainda que alguns teóricos tenham proclamado o "fim da história", dando a entender que, com o declínio das esquerdas, o mundo chegaria ao seu modelo ideal, capitalista, liberal e democrático.

Questione os alunos: De que modo a visão de mundo de Domingos Pellegrini foi influenciada por esse novo contexto? O que ele deixa transparecer na obra sobre seu amadurecimento político? Que valores ele defendia na juventude e que valores passa a defender na idade madura? Houve alguma ruptura no modo de pensar do autor? Em que momento? Motivada por quais acontecimentos ou fatores? Que resquícios você identifica da forma de pensar da juventude do autor em sua fase madura?

6. Filosofia A certa altura, Domingos Pellegrini afirma sobre Ptialina:

"Era um sábio meu professor de Ciências Naturais [...]" (p. 81)

Em outro momento, diz o autor:

"[...] lançava seu anzol, na forma de uma pergunta (e nada mais parecido com
um anzol do que uma interrogação, não?)". (p. 71)

Peça aos alunos que tentem explicar por que as perguntas são mais estimulantes do que as respostas prontas. Por fim, questione-os: Vocês saberiam dizer em que consiste a sabedoria do Ptialina?

7. Sociologia O professor Isaac, de Educação Física, disse: "Defeitos não são privilégio de ninguém, todos têm, no corpo ou no caráter, na cabeça ou na alma [...]". (p. 128) Desse modo, advertia aqueles que costumavam fazer gracinha com os defeitos alheios. Comente com os estudantes que muitas vezes a palavra se presta a acentuar o defeito, ou faz rir pelo inverso, quando, por exemplo,

se apelida um careca de Cabelo. Lembre a eles a frase do filósofo francês Gusdorf, que afirmou que "as palavras possuem um destino, feliz ou infame".

Tendo em vista essa frase, peça aos alunos que, em grupos, façam a distinção, no seu dia a dia escolar e em seu bairro, entre os apelidos criativos que não depreciam as pessoas, e aqueles em que a palavra soa como um rótulo humilhante, reforçando estereótipos, estigmas sociais e preconceitos.

8. SOCIOLOGIA O nome do bibliotecário mencionado no livro virou o nome da biblioteca frequentada pelo autor na adolescência. Primeiramente, pergunte aos alunos se eles já tiveram a curiosidade de pesquisar quem foram as pessoas que dão nomes às escolas em que estudam, às bibliotecas que frequentam, às ruas, avenidas, praças, bairros e cidades onde moram. Sugira a eles que, em momento oportuno, façam essa pesquisa. Quem foi a pessoa? No que se formou? Como terá sido sua vida? Teve uma paixão? Teve filhos? Teve um *hobby*? Torceu para algum time? Eles poderão descobrir coisas curiosas e, principalmente, que aqueles nomes, que eles proferem de forma tão automática no dia a dia, já foram de pessoas de carne e osso.

Depois, indague quais são as formas mais comuns de se homenagear e imortalizar alguém em nossa sociedade? Que significado isso tem? Sugira que investiguem, por exemplo, o chamado monumento ao soldado desconhecido, com o qual os países que participaram de guerras costumam homenagear os soldados que morrem em batalha. Questione: Que valor esse tipo de homenagem tem? Há algum sentido nesse simbolismo? Serve de alento para as famílias dos mortos? Você vê alguma contradição nesse ato? Estimule-os a investigar outros tipos de homenagens semelhantes e questionar suas simbologias próprias e suas intenções.

9. ARTE O autor revela que, no seu percurso de contestador do sistema político da ditadura, fez algumas pichações. Uma delas foi identificada pelo diretor da faculdade, que, em vez do castigo esperado, lhe sugeriu montar um jornal estudantil para expressar suas ideias. Esse episódio levanta o debate sobre a diferença entre o pichador e o grafiteiro: há estudiosos que identificam o fenômeno da pichação – acusada de vandalismo – como um protesto de jovens de segmentos mais pobres em busca de um modo de expressão que a cidade lhes negou. Para evitar o dano do bem público ou privado, outros grupos incentivam o uso de espaços permitidos, experiência que gerou a arte dos grafiteiros. Peça que os alunos, em grupo, façam uma pesquisa sobre a arte do grafite (ou *graffiti*) como modo de expressão.

10. ARTE Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que falam de temas que permeiam as memórias de Domingos Pellegrini, como paixão, relações entre pais e filhos, sonhos de adolescência e juventude, utopias políticas, ideologias, embate entre

sonho e realidade, entre outros – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte.

As canções podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática:

a) podem servir de tema de produção textual, na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra;

b) podem ser objeto de discussão em sala de aula;

c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema explorado no livro.

Em todos os casos, é fundamental que os estudantes tragam de casa a letra da canção impressa. Estimule-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados.

14 anos, com Paulinho da Viola.
Disponível em: <http://mod.lk/catorze>.

Viola enluarada, de Marcos Valle.
Disponível em: <http://mod.lk/enluarad>.

Coração de estudante, de Milton Nascimento.
Disponível em: <http://mod.lk/cordeest>.

Dias de luta, do grupo Ira!.
Disponível em: <http://mod.lk/diasde>.

Epitáfio, dos Titãs.
Disponível em: <http://mod.lk/epitafi>.

Ideologia, de Cazuza.
Disponível em: <http://mod.lk/ideologi>.

O bêbado e a equilibrista, de João Bosco e Aldir Blanc com Elis Regina.
Disponível em: <http://mod.lk/equilibr>.

Deserto no teu corpo, de Taiguara.
Disponível em: <http://mod.lk/taiguara>.

11. ARTE Promova, se for possível, uma sessão de cinema em sala de aula com os filmes sugeridos a seguir, que tratam de temas relacionados à memória, ou peça aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para assisti-los. Estimule-os a buscar informações sobre os diretores e atores dos filmes, sobre as histórias e seus contextos, traçando paralelos com as lembranças do escritor e com o gênero memórias.

Memórias do Cárcere. (Brasil, 1984) Drama. Direção de Nelson Pereira dos Santos. Duração: 3h9min.
O filme conta a experiência do cárcere vivida pelo escritor Graciliano Ramos, na década de 1930, quando foi recolhido ao presídio de Ilha Grande, no Rio de Janeiro, sem julgamento, acusado de ligações com o Partido Comunista.
Disponível em: <http://mod.lk/carcere>.

Narradores de Javé. (Brasil, França, 2004) Drama. Direção de Eliane Caffé. Duração: 1h40min.
Uma ameaça à existência do pequeno vilarejo de Javé muda a rotina de seus habitantes. O pequeno lugar pode desaparecer do mapa, engolido pelas águas de uma enorme usina hidrelétrica. Para evitar o destino fatídico, a comunidade, cuja maioria dos moradores é analfabeta, decide preparar um documento contando os acontecimentos heroicos de sua história, como forma de a cidade escapar do aniquilamento.
Disponível em: <http://mod.lk/jave>

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à "espinha de peixe" – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

MEMÓRIAS

O gênero memória, memórias ou relato de memórias constitui um gênero textual que tem um objetivo muito específico: resgatar o que foi vivido pelo autor ao longo de sua vida até o momento em que escreve, ou, de modo mais pontual, narrar as lembranças de uma experiência significativa para ele em um determinado período de tempo. Como exemplos do primeiro caso podemos citar as seis obras de Pedro Nava, considerado o maior memorialista da literatura brasileira, ou as memórias de Erico Verissimo ou de Zélia Gattai. O segundo caso pode ser exemplificado com as memórias de Graciliano Ramos escritas no cárcere, entre 1936 e 1937; os escritos de Anne Frank relatados em seu diário enquanto se escondia, com sua família, da polícia nazista, no início dos anos 1940; ou as reflexões de Fernando Gabeira sobre a sua experiência com a luta armada, no período da ditadura militar no Brasil.

O livro que os alunos acabaram de ler, *Mestres da paixão*, de Domingos Pellegrini, pode ser chamado de uma obra híbrida nesse sentido, pois, ao buscar realçar os mestres que conheceu na vida e aos quais é grato, o autor acabou por contar também a sua história. Em ambos os casos, trata-se de uma literatura que envolve certa tensão emotiva, pois, durante a escrita, o autor costuma mobilizar uma carga considerável de emoção por revisitar fatos de sua memória afetiva.

Nas memórias, o foco narrativo geralmente está em primeiro pessoa e os verbos no passado, pois o que estão sendo contadas são as lembranças de quem escreve, tratando-se de fatos recentes ou remotos. No entanto, ao mesmo tempo que recria o passado, o autor sofre a influência do presente, o que o faz refletir sobre o que passou com base na distância que o separa dos acontecimentos. Por isso, não se pode dizer que as memórias narram os fatos necessariamente tais como se deram, pois, assim como ocorre na ficção, o próprio narrador se transforma em um personagem (narrador-personagem ou narrador-testemunha), cujas ações, consciente ou inconscientemente, ele manipula segundo seus interesses e suas intenções no presente – sem contar as eventuais falhas da memória.

Não se trata, portanto, de uma escrita isenta, objetiva ou neutra, pois ela sofre a ação do tempo, das experiências do autor posteriores aos motivos narrados, que o levam até mesmo a inventar fatos e situações que não aconteceram, ainda que possam ser fiéis ao espírito do que ele quer rememorar, ou a reconsiderar suas relações e seus valores.

O Brasil conta com grandes memorialistas, desde Joaquim Nabuco, com o seu clássico *Minha formação*, Erico Verissimo, cujas memórias, *Solo de clarineta*, foram interrompidas no segundo volume em razão de sua morte, Zélia Gattai, que surpreendeu a todos ao escrever *Anarquistas, graças a Deus*, obra com a qual deu início a uma bem-sucedida carreira de memorialista tardia. Mas quem se sobressai no cenário do gênero memórias é o mineiro Pedro Nava, que levou a maior parte da vida como médico reumatologista e poeta bissexto e, a certa altura, sentiu o desejo de vasculhar o passado, escrevendo seis obras monumentais, que são consideradas um marco documental da memorialística no Brasil do século XX.

Existe um público fiel de memórias no Brasil e no mundo, pelo seu poder de aproximar os ausentes e ampliar a compreensão do passado (e mesmo do presente) diante do que foi vivido por outros, como se o leitor se apropriasse daquelas experiências, tornando-as suas, e quase as vivendo – ou mesmo as vivendo. Afinal, não é a literatura a arte de nos fazer vivenciar acontecimentos sem estar lá e experimentar sentimentos que foram vividos por outros, mas com os quais nos identificamos?

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de "estilo", "escola" ou "convenção" literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de "estilhaçamento" quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados "estilos de época", com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: "[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos". (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um "retrato" da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma "aventura" intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das "escolas literárias" levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve se o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. LÍNGUA PORTUGUESA O autor afirma que começou a escrever em 1964. Em outros momentos, ele cita outras datas. Comente com os alunos que uma data nos situa no tempo cronológico. Quando fazemos referência ao tempo, uma série de acontecimentos passa a se relacionar com aquele mês, aquele ano. Diante disso, peça aos alunos que escrevam um texto de mais ou menos 20 linhas falando de alguma lembrança ancorada em uma data. Pode ser qualquer data, em qualquer época da vida do estudante, desde que relacionada a um acontecimento marcante que eles trazem de memória.

2. FILOSOFIA Pergunte aos alunos se eles já usaram a expressão "memória afetiva". Depois de ouvir as respostas, peça que desmembrem a expressão: O que é memória? O que é afeto? Explique então que a memória afetiva guarda lembranças que nos são muito queridas pelo significado que carregam, que só faz sentido para nós. Muitas vezes não é a lembrança de um fato apenas, mas de um conjunto de acontecimentos que remetem a um clima, a uma atmosfera, a um determinado tempo. Comente que, apesar de eles serem ainda muito jovens, certamente já possuem suas memórias afetivas. Sugira que

relatem para os colegas, os que se dispuserem a falar, é claro, uma lembrança ou reminiscência que têm muito significado afetivo para eles. Depois pergunte: O que acham que, quando forem mais velhos, terá importância para a memória afetiva deles? Por quê? Que fato os fará recordar com o mesmo afeto e emoção que Domingos Pellegrini lembra dos seus mestres da paixão? Como explicar a memória afetiva? De que modo ou em que momento as coisas, as pessoas, os sentimentos, as lembranças se transformam em uma memória afetiva para nós?

3. FILOSOFIA Comente com os alunos que a digressão sobre a palavra *decorar*, feita nas primeiras linhas do capítulo "Decoração e coração", quer nos dizer indiretamente que todo aprendizado na vida só acontece de verdade quando nos fala ao coração e à alma, ou seja, quando faz sentido verdadeiramente para nós. Indague os alunos sobre o que faz sentido verdadeiramente para eles. Aos que se dispuserem a falar – pois, às vezes, o que realmente importa para nós é um segredo que não gostaríamos de compartilhar –, peça que digam o que, no fundo, tem um real significado em suas existências.

4. FILOSOFIA Abra uma roda de conversa e solicite aos alunos que releiam estes trechos:

"Paixão. Esse era o combustível do motor Ptialina. Paixão pelas Ciências Naturais, paixão pela educação, paixão pelos alunos." (p. 80)

"Mas o que me valeu mesmo foi ter aprendido que viver bem é viver com paixão, fazendo bem o que se gosta de fazer." (p. 82)

Conte a eles que o escritor tcheco Franz Kafka, em um livro chamado *Carta ao pai*, afirma que criar bem os filhos, encaminhá-los bem na vida, fazendo deles pessoas honradas e úteis à sociedade, é o que muitas vezes uma pessoa consegue realizar no curso de uma vida, de uma existência. Trazendo o assunto para os mestres da paixão, acrescente

que podemos estender o comentário de Kafka e dizer que a paixão de ensinar ou de realizar bem qualquer atividade também pode ser tão significativa e satisfatória quanto encaminhar um filho bem na vida. Comente que isso diz respeito aos nossos propósitos e valores como seres humanos. Afinal, qual é o sentido da existência? Que sentimentos nos mobilizam? Por que estudamos? Por que trabalhamos? Será meramente por questões financeiras e materiais? Não seria muito pouco se fosse apenas por isso? Conclua a reflexão perguntando: Para você, o que é viver bem?

5. SOCIOLOGIA Faça uma observação sobre o espírito do nosso tempo no que se refere à educação. Os tempos mudam e, com ele, a forma de ensinar e de aprender. O que eles acham do modo de dar aulas de dona Rosinha, a professora de Francês? Ainda se ensina assim hoje em dia? Isso é positivo ou negativo? Por quê? De que maneira a forma de ensinar e de aprender se refletia na sociedade dos anos 1950 e 1960, décadas em que o autor estudou? Podemos fazer essa comparação sem incorrer em juízos de valor anacrônicos, ou seja, sem que sejamos tendenciosos, vendo o nosso tempo como melhor do que aquele ou vice-versa? Amplie a questão perguntando por que tendemos a achar que o nosso tempo, o lugar em que vivemos, a nossa cultura é sempre melhor que a dos outros.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

PARA O ALUNO

LIVROS

ALVES, Castro. *Os escravos*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Publicado em 1883, o livro traz os poemas de Castro Alves que tratam do tema da escravidão no Brasil, entre eles "O navio negreiro" e "Vozes d'África", que se transformaram em verdadeiras bandeiras na luta contra o sistema escravagista.

AVERY, Lara. *O livro de memórias*. Companhia das Letras, 2016.

Sammie tinha um plano: formar-se no Ensino Médio como a melhor aluna e sair da cidade pequena onde mora. Acometida por uma rara doença genética, que aos poucos vai aniquilar sua memória e acabar com sua saúde, ela só pensa em uma coisa: escrever seu livro de memórias.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad. Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 2020.

A obra traz 358 fábulas atribuídas a Esopo traduzidas diretamente do original grego. Os primeiros exemplos de fábulas gregas datam do século VIII a.C., o que mostra que Esopo não foi o inventor do gênero, mas sim o mais conhecido fabulista da Antiguidade.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Companhia das Letras, 2010.

Escrito entre 1942 e 1944, enquanto a menina de origem judia se escondia com sua família no escritório de seu pai, em Amsterdam, Anne Frank acabou sendo enviada aos campos de extermínio nazista, e seu relato, encontrado depois de seu desaparecimento, acabou se transformando em um dos documentos mais importantes sobre o horror do nazismo.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Companhia de Bolso)

Neste livro, publicado em 1979, no período da anistia, o jornalista, escritor e ex-guerrilheiro Fernando Gabeira relembra o tempo de guerrilha, buscando compreender o sentido da luta armada e da militância clandestina no contexto da ditadura no Brasil, nos anos 1960.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Companhia das Letras, 2009.

Publicado em 1979, *Anarquistas, graças a Deus* foi o livro de estreia de Zélia Gattai, mulher de Jorge Amado, que a estimulou a escrever suas memórias. A obra logo conquistou os

leitores e virou minissérie de TV. Na obra, ela conta a aventura dos imigrantes italianos no Brasil, com base na história de seus familiares, usando o mesmo método da simplicidade com que contava histórias a seus filhos e netos.

LACERDA, Rodrigo. *O fazedor de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

A obra conta a história de Pedro, garoto que está entrando na vida adulta às voltas com o dilema sobre qual profissão escolher e como lidar com o amor e as amizades. Até conhecer Nabuco, um professor experiente e misterioso que passa a ser o interlocutor do rapaz em seu caminho de perdas e de muita reflexão.

LEE, Rita. *Rita Lee* – Uma autobiografia. Globo Livros, 2016.

Obra autobiográfica no qual a roqueira e agora escritora Rita Lee narra acontecimentos desde a sua infância, o início na vida artística, sua prisão em 1976, seu relacionamento com o músico Roberto de Carvalho, o nascimento dos filhos, das músicas, as parcerias musicais, com fotos escolhidas pela própria autora.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Companhia das Letras, 2012.

Baú de ossos faz parte das seis obras de memórias escritas pelo médico e poeta, o que alçou o mineiro de Juiz de Fora à condição de maior escritor memorialista da literatura brasileira. A crítica não poupou elogios ao memorialista, pela qualidade de sua escrita e pela precisão da reconstituição dos detalhes do passado. É nesta obra que podemos ler a antológica primeira frase com que Nava inicia sua saga memorial: "Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais".

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Moderna, 2019.

O romance, espécie de rito de passagem de um garoto à fase adulta, conta a história do menino Sérgio, de onze anos, que deixa a casa dos pais para ingressar no colégio Ateneu. Lá ele encontra a realidade de uma educação tirana, que estimula a hostilidade e a aniquilação dos mais sensíveis. Publicado em 1888 como folhetim na *Gazeta de Notícias*, o livro narra os primeiros anos da vida de um menino em uma escola do século XIX, misturando ficção e autobiografia.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Record, 2020.

Obra publicada postumamente, conta a prisão de Graciliano Ramos em 1936, pela polícia de Getúlio Vargas, sem acusação formal, até ser solto em 1937, tempo no qual dedicou a escrever as memórias da experiência no cárcere, no estilo enxuto que o consagrou entre os maiores escritores da literatura brasileira.

SOARES, Jô. *O livro de Jô* – Uma biografia desautorizada. Org. Matinas Suzuki Jr. v. 1 e 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

As memórias de Jô Soares trazem a mesma verve humorística e ao mesmo tempo capaz de fazer os leitores chorarem. Nesses dois volumes, o autor resgata fatos, lugares e pessoas e reconstitui seus primeiros passos no mundo dos espetáculos, nas décadas de 1950 e 1960, até sua consagração como *showman* de televisão, dos anos 1960 a 1980, e entrevistador que criou um estilo próprio de entrevistar, a partir dos anos 1980.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. v. 1 e 2. Companhia das Letras, 2005.

Erico Verissimo escrevia *Solo de clarineta* em dezembro 1975, o segundo volume de suas memórias, quando foi silenciado por um infarto que o tirou da vida. Inacabada, essa segunda parte foi organizada por Flávio Loureiro Chaves e publicada em 1976. Obra de reflexões do escritor gaúcho sobre sua escrita e sobre literatura. O primeiro volume narra a infância do escritor até os anos 1950. O segundo fala de sua experiência como professor nos Estados Unidos, entre outros fatos de sua vida.

CANÇÕES

14 anos, de Paulinho da Viola.

Na letra, o compositor conta, como se narrasse uma memória, os conselhos realistas dados por seu pai sobre que carreira seguir, mas deixando claro, desde os catorze anos, que sua aspiração era se tornar sambista.

Disponível em: <http://mod.lk/catorze>.

Viola enluarada, de Marcos Valle.

Canção que adquiriu o *status* de hino dos movimentos de esquerda no final dos anos 1960, trazendo na letra palavras e expressões heroicas e altivas, como era comum nas músicas do período da luta armada, misturando a coragem revolucionária com elementos da cultura popular.

Disponível em: <http://mod.lk/enluarad>.

Coração de estudante, de Milton Nascimento.

Canção inspirada no contexto da retomada da democracia, no início dos anos 1980, em que Milton Nascimento e Fernando Brant exaltam o espírito dos estudantes, com sua jovialidade e abertura para o novo, para trazer o Brasil de volta ao período de crença nos valores civis da sociedade.

Disponível em: <http://mod.lk/cordeest>.

Dias de luta, do grupo Ira!.

Canção que exalta a escuta mais do que a fala e dialoga com o "só sei que nada sei" socrático nos versos "muito tempo eu levei, pra entender que nada sei".

Disponível em: <http://mod.lk/diasde>.

Epitáfio, dos Titãs.

Espécie de inventário de uma vida, a letra mostra um eu poético fazendo um balanço da existência, no qual revê posturas e comportamentos à luz de uma suposta maturidade.

Disponível em: <http://mod.lk/epitafi>.

Ideologia, de Cazuza.

Canção do período do colapso das repúblicas soviéticas e da queda do Muro de Berlim, Cazuza dialogava nessa letra com o cenário do fim das ideologias e se questionava sobre uma ideologia na qual acreditar, agora que as utopias pareciam ter se esfarelado.

Disponível em: <http://mod.lk/ideologi>.

O bêbado e a equilibrista, de João Bosco e Aldir Blanc com Elis Regina.

Canção que virou hino da anistia política, em 1979, pela qual os exilados voltavam para o Brasil anunciando um novo tempo em que a liberdade e a vida civil eram a tônica da vida nas ruas.

Disponível em: <http://mod.lk/equilibr>.

Deserto do teu corpo, de Taiguara.

Música composta em plena ditadura militar na qual o sempre inquieto Taiguara, um dos músicos mais censurados pelos militares, mostrava o seu desencanto com a realidade brasileira do período e propunha novos valores baseados no amor.

Disponível em: <http://mod.lk/taiguara>.

FILMES

Entre os muros da escola. (França, 2008). Dir. Laurent Cantet. Duração 2h.

O documentário mostra o dia a dia na sala de aula do professor François Marin, de língua francesa, em uma escola de Ensino Médio da periferia de Paris. O professor busca estimular os alunos, mas os problemas na relação com a turma são seus grandes obstáculos. Embora se passe em uma escola de Paris, a sala de aula mostrada no documentário tem muitas semelhanças com as das escolas brasileiras. Documentário realista, sensível, reflexivo e instigante.

Disponível em: <http://mod.lk/muros>.

PARA O PROFESSOR

LIVROS

DAMASIO, António. *O erro de Descartes*. Companhia das Letras, 2012.

Nesta obra, o neurologista português António Damasio mostra como a ausência de emoção pode destruir a racionalidade. Segundo o antropólogo Oliver Sacks, Damasio desafia os dualismos tradicionais do pensamento ocidental (mente e corpo, razão e emoção, biologia e cultura) para oferecer uma visão integrada do ser humano e sugerir hipóteses sobre o funcionamento do cérebro humano.

GABEIRA, Fernando. *Onde está tudo aquilo agora?* São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Neste livro, Gabeira repassa seus mais de cinquenta anos de vida pública como jornalista, militante político e ecológico e escritor, falando de temas históricos como o golpe de 1964, o sequestro do embaixador Charles Elbrick, no contexto da luta armada, e a anistia política, em 1979, além de fazer uma reflexão sobre um dos períodos mais conturbados da história do país.

HEMINGWAY, Ernest. *Contos*. v. 1, 2 e 3. Trad. José J. Veiga. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Três volumes dos principais contos de Hemingway que abordam temas como aventura, violência, brutalidade, realismo, nostalgia, coragem, narrados por um dos principais ficcionistas de seu tempo.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2018.

Considerado o mais acessível livro sobre memória escrito no Brasil, embora Ivan Izquierdo seja argentino. Na obra, o autor discorre sobre o que é memória, quais são os tipos e as formas de memória, como ela se forma, entre outros temas ligados a esse importante atributo dos seres humanos.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Trad. Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017.

Pela teoria da servidão voluntária, do jovem filósofo francês Étienne de La Boétie, pergunta-se por que o povo, sendo em muito maior número do que o tirano, que é um só, obedece às suas ordens, em vez de reunir-se e aniquilá-lo. A resposta é dada pelo próprio La Boétie: porque o povo é formado de tiranetes que querem subjugar os seus iguais e o tirano nada mais representa do que essa lógica humana, ávida pela dominação do outro.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Livro no qual o escritor e químico italiano Primo Levi narra sua experiência em um campo de extermínio em Auschwitz, na Polônia, em 1944, com outros 650 judeus italianos. Levi foi um dos poucos prisioneiros que sobreviveram.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

MOSÉ, Viviane. *A espécie que sabe*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

Neste livro, a filósofa capixaba descreve a jornada humana em direção ao pensamento filosófico por meio de uma linha que parte do surgimento do *Homo sapiens* até os dias atuais. O eixo dessa trajetória é o ser humano e o modo como foi forjado como ser racional. O livro instiga o leitor a se fazer algumas perguntas essenciais: O que somos? O que nos tornamos? Por que chegamos até aqui? De que modo podemos sair deste impasse?

ARTIGOS

NEVES, Cynthia Agra de Brito. "Slam" é a voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. *Jornal da USP*, 23 nov. 2017.

Neste artigo, Cynthia Agra de Brito Nevez, professora da Universidade de Campinas (Unicamp) apresenta a poesia *slam*, também chamada de *poetry slam*, uma nova modalidade de poesia, falada, criada nos anos 1980, em Chigado, Estados Unidos, e que chega ao Brasil reivindicando a cultura jovem, popular e negra.

Disponível em: <http://mod.lk/slamusp>.

FILMES

Memória. Entrevista do neurocientista Ivan Izquierdo ao dr. Dráuzio Varella. Uzumaki, 2010. Duração: 48min38s.

Nesse vídeo, o neurocientista argentino Ivan Izquierdo explica como a memória funciona e por que fatos marcados pela emoção ficam registrados com mais nitidez e perenidade em nossa memória do que os que envolvem outros sentimentos.

Disponível em: <http://mod.lk/izquierd>.

Zélia Gattai. Zélia Gattai fala sobre como começou a escrever. Fundação Casa de Jorge Amado.

Neste vídeo, sem grandes formalidades, a escritora e memorialista Zélia Gattai conta como começou a escrever suas memórias, incentivada por seu marido Jorge Amado, tomando como ponto de partida a história de sua família de italianos imigrantes e anarquistas.

Disponível em: <http://mod.lk/zelia>.

Em tempo de Pedro Nava. Curta-metragem. Direção: Fernando Sabino e Davi Neves. Patrícia Porto. Duração: 9min27s.

Neste vídeo, o memorialista Pedro Nava mostra um pouco de sua rotina de escritor e médico e fornece alguns elementos biográficos sobre por que começou a escrever memórias depois de já ter passado dos cinquenta anos, além de algumas pistas sobre seu método de resgatar o passado.

Disponível em: <http://mod.lk/pedronav>.

Entrevista com Domingos Pellegrini. Thaise Leonardi. *Persona*, UFPRTV, 2015.

Nesta entrevista à jornalista Thaise Leonardi, o escritor, poeta e jornalista Domingos Pellegrini comenta como começou a escrever, os escritores que o influenciaram, seu método de escrita, suas paixões políticas de juventude e sua visão de mundo atual, despida de muitas das crenças da adolescência e juventude.

Disponível em: <http://mod.lk/domingos>.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânia de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Neste livro, Harold Bloom, um dos principais críticos literários da atualidade, convida o leitor a uma saborosa viagem por grandes obras da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Crime e castigo*, de Dostoiévski, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Hamlet*, de Shakespeare, entre muitas outras.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)

Nesta obra, o escritor italiano Italo Calvino (nascido em Cuba, mas levado à Itália logo após o nascimento) comenta com aguda percepção alguns dos autores mais importantes da tradição literária do Ocidente, mesclando gosto pessoal com nomes fundamentais do cânone literário universal, como Stendhal, Balzac, Flaubert, Tolstói e Borges. Calvino ainda fornece subsídios para compreender a controversa indagação sobre por que uma obra é considerada um clássico e por que lê-las, em ensaios que começaram a ser escritos no início da década de 1980 e até sua morte, em 1985.

CANDIDO, Antonio *et al*. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Ensaios de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, importantes nomes na formação de sucessivas gerações de estudantes de Letras e de Artes. A obra traz atualidade nas análises e na discussão crítica das modernas leituras estéticas, que tocam campos do saber como a linguística e a filosofia, entre outros.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade*: História, teoria e pesquisa. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, "ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade".

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura que analisa a ficção e seus elementos constituintes.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura.* Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta.* Trad. Pedro Süssekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Nessas cartas, publicadas pela primeira vez em 1929, Rilke dá conselhos ao jovem poeta Franz Xavier Kappus, abordando temas ligados à produção poética, mas também a temas existenciais, com base em sua experiência como poeta e ser humano.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura* – Uma experiência com crianças de meios iletrados. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa* – Uma autobiografia literária. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

(Todos os *links* de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 11 nov. 2020).